

EDITORIAL

HOMENAGEM PÓSTUMA AO PROFESSOR SELVINO JOSÉ ASSMANN

(* 24/05/1945 + 30/09/2017)



Esta edição da Revista Profanações é uma homenagem póstuma ao professor Selvino José Assmann. O professor Selvino faleceu no dia 30 de setembro de 2017 na cidade de Florianópolis onde residia com sua família e, onde ao longo de 40 anos dedicou-se as atividades de docência, de pesquisa e de orientação no departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O professor Selvino era graduado em filosofia pela Faculdade Nossa Sra. Imaculada Conceição de Viamão/RS (1967). Graduação em teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma/Itália). Mestrado em Teologia pela mesma universidade em 1971. Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Università Lateranense (Roma/Itália) 1973. Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Università Lateranense (Roma/Itália) 1983. Ultimamente era professor voluntário titular da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando, sobretudo no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (Doutorado) e no Programa de Pós-

Graduação em Filosofia (Mestrado e Doutorado). Em 2016 foi-lhe conferido pelo Conselho Universitário da UFSC título de professor emérito.

A ênfase de seus estudos em Filosofia vinculava-se a Filosofia Política Moderna e Contemporânea dialogando majoritariamente com autores como Georg F. W. Hegel, Hannah Arendt, Michel Foucault e Giorgio Agamben. Desde último foi o tradutor de várias de suas obras publicadas no Brasil. Entre as temáticas filosóficas o professor Selvino dedicava-se a filosofia da história, biopolítica, relação entre política e economia, e teologia e economia. Foi coordenador do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e, era Editor-Chefe da Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis.

Durante a carreira orientou inúmeros trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação, quarenta e uma dissertações de mestrado, trinta e quatro teses de doutoramento e três teses de estágio pós-doutoral. Ministrou diversos cursos e palestras por todo o país.

Conheci o professor Selvino no ano de 2000, quando cursava o Mestrado em Educação e Cultura da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Orientou-me nos estudos dissertativos em que dialogávamos com Nietzsche e Bauman em torno de perspectivas ocidentais niilistas e ambivalentes, até fins de 2003. Após a defesa da dissertação mantivemos o diálogo e, entre 2006 a 2010 dialogamos intensamente a partir dos estudos de doutoramento com Nietzsche e Agamben em torno da potência da vida. Desta parceria vital ao longo de todos estes anos resultou o livro: “A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben”, publicado em 2013.

Agradeço imensamente ao Selvino a oportunidade de ter compartilhado reflexões, ideias e, perspectivas de vida ao longo de todos estes anos, sobretudo pela sua amizade, paciência e generosidade que demarcavam sua condição humana, demasiadamente humana. Assim, a partir de uma perspectiva aristotélica é possível afirmar que se na vida conseguirmos reconhecer alguns “Amigos”, valeu a pena ter vivido. Sim, a “*amizade*, pois esta é uma virtude ou envolve a virtude, além do que constitui uma das exigências mais imprescindíveis da vida – ninguém, com efeito, optaria por viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os outros bens” (ARISTÓTELES, Livro VIII, 1.) e, continua Aristóteles “Um amigo é definido como alguém que deseja e promove através da ação o bem real ou aparente de outro

indivíduo em favor deste outro indivíduo, ou como alguém que deseja o existir e a preservação do amigo por causa do amigo” (ARISTÓTELES, Livro VIII, 4.).

Assim, nesta direção, agradeço profundamente ao Selvino pela experiência da amizade que se constituiu ao longo destes anos no compartilhamento de visões de mundo “Os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são com-divididos pela experiência da amizade. A amizade é a divisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política (AGAMBEN, O amigo).

E talvez como derradeira lição de vida o Amigo Selvino nos convida a pensar sobre a morte como condição vital nos remetendo as palavras de Santo Agostinho: “A morte não é nada. Apenas passei ao outro mundo. Eu sou eu. Tu és tu. O que fomos um para o outro ainda o somos. Dá-me o nome que sempre me deste. Fala-me como sempre me falaste. Não mudes o tom a um triste ou solene. Continua rindo com aquilo que nos fazia rir juntos. [...]. Sem nenhuma ênfase, sem rosto de sombra. A vida continua significando o que significou: continua sendo o que era. O cordão da união não se quebrou. Porque eu estaria fora de teus pensamentos, apenas porque estou fora de tua vista? Não estou longe, somente estou do outro lado do caminho. Já verá, tudo está bem. Redescobrirás a ternura mais pura. Seca tuas lágrimas e se me amas, não chores mais.

Selvino, Muito Obrigado! Um forte abraço!

Dr. Sandro Luiz Bazzanella

Também, compõe este prefácio da Revista Profanações dedicado em homenagem póstuma ao Professor Selvino José Assmann dois textos de autoria da Professora Dr^a. Jeanine Nicolazzi Phillippi (UFSC) e, do Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli (UEL). Agradecemos a contribuição dos referidos professores pelo aceite em participar desta homenagem.

Selvino,

Escrevo porque não consegui falar contigo antes da tua partida. Quando soube que, em breve, seguirias viagem fiquei desolada – ainda havia tempo para uma última conversa, mas não consegui me despedir de ti. Enquanto procurava uma forma possível de te dizer “até...” esperava o desmentido. Durante uma semana busquei me convencer de que nada aconteceria, mas o domingo chegou e, com ele, a notícia da tua partida.

As cores começaram a escorrer confundindo a paisagem com a face lívida do real... A voracidade de *Kronos – e sua lógica temporal* –¹ tinha te levado e, na borda do (i)mundo, as palavras perdiam força, destoavam na fala, resistiam à escrita. O anjo da história não pode deter-se para acordar os mortos e reconstruir, a partir dos fragmentos, aquilo que foi destruído... Conversamos algumas vezes sobre a dimensão trágica da existência como uma condição ética e política sistematicamente desconsiderada neste tempo que, ao pretender abolir o impossível, não permite pensar o grande silêncio que nos envolve.

A morte coloca em jogo a vida em sua imanência absoluta como experiência do tempo que resta. Procurando um abrigo onde fosse possível elaborar a notícia da tua partida, o pensamento cingiu o tempo em que tive o privilégio de te conhecer. Experimentava, naquela época, a conclusão de uma graduação estéril em direito que tinha me alimentado espiritualmente – como escreveu Kafka ao pai – com uma serragem que milhares de bocas já haviam mastigado para mim, e começava a pós-graduação com a esperança de encontrar guarida para as inquietações éticas e políticas.

A década de 1980 chegava ao fim e, com ela, uma ditadura insana que havia consumido corpos e devorado espíritos em seus aparelhos letais. Como saldo desse gozo atroz, a degradação do espaço público, a destituição da política, o aniquilamento da cultura, a miséria... fixavam não apenas a necessidade de uma cartografia da barbárie, mas a exploração de outros caminhos que permitissem fazer das ruínas, produzidas pela exceção, um ponto de partida. Na composição desse quadro foste fundamental para uma geração de mestrandos em direito que buscava

¹ BAZZANELA, Sandro; ASSMANN, Selvino. **A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben**. São Paulo: LiberArs, 2013, p. 87

desconstruir a mascarada do domínio habilmente projetada com a técnica e a dogmática jurídica.

A “festa democrática” não nos enganava. As máscaras haviam mudado para que o jogo continuasse o mesmo; era preciso, portanto, resistir e isso tu fazias com maestria nos apresentando uma forma de amor que nos fora meticulosamente negada: a filosofia. Como não lembrar Platão no *Banquete*... Eros é fundamentalmente uma falta. Nenhum dos deuses poderia filosofar, pois a filosofia já é seu apanágio. *O mesmo se pode dizer dos ignorantes, nenhum dos quais deseja a filosofia, porque o mal da ignorância é tornar contentes consigo mesmos os que, não sendo bons nem sábios, cuidam que o são... Ninguém deseja senão o de que se julga privado.*²

As tuas aulas eram imperdíveis. Nelas, aprendíamos a pensar o nosso próprio tempo, a exercer a liberdade do espírito, a emergir nas modulações dos textos e a referenciar uma invenção. A tua originalidade como pensador e o teu compromisso ético abriram, para nós, a possibilidade de uma enunciação na qual tivemos a oportunidade de encontrar um lugar. Como contraponto ao convite sistemático para esquecermos a nossa condição de portadores da palavra – o que realmente acontece, pois como lembra Lacan, a maioria das pessoas não fala, repete, o que não é absolutamente a mesma coisa – mantinhas viva a potência crítica e nos indicavas o percurso da elaboração de um texto com sujeito. Nada mais pode, então, nos preservar de uma enunciação eticamente comprometida.

Vivias com *Genius* e isso nos ensinou a nos colocarmos em jogo como artesãos dos nossos próprios suportes. *Tentando pensar pensando* aprendemos que a partir do vazio criamos, introduzindo assim a nossa própria perspectiva de preenchê-lo. *A luta pela ética – escreveste – é a luta pela liberdade, ou seja, para que possamos experimentar nossa própria existência como possibilidade ou potência.*³ Essa experiência – que tu transmitias como forma de vida – orientou a nossa leitura do mundo na década de 1990. Num tempo em que a distopia neoliberal apresentava-se como expressão definitiva para o desenvolvimento eficaz de todas as sociedades, anunciando um futuro de liberdade e democracia orquestrado pela

² PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Editora Atena, 1961, p. 57/63.

³ ASSMANN, Selvino. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio, *Profanações*: São Paulo: Boitempo, 2007, p. 9

economia de mercado, alertavas sobre a necessidade de pensar os conceitos que validavam esse consenso e de expor, à prova de realidade, o espectro dessa ordem unívoca.

Quando poucos percebiam que o imperativo da produção exacerbada daquilo que é sempre o mesmo comandava a nossa frenética imobilidade, retomavas a discussão sobre a condição humana. Refletindo sobre a separação cada vez mais acentuada entre pensamento e conhecimento – que nos convertia, de modo acelerado, em criaturas desprovidas de raciocínio à mercê de armadilhas técnicas – e a irreflexão – que levava à repetição complacente de “verdades” triviais e vazias – recolocavas em jogo a ação política.

Fizeste do estudo uma condição permanente. Aberto ao mundo e aos outros resistias e nos instruías sobre as condições de resistência quando tivemos que enfrentar o triunfo da *oikonomia*. A pura atividade de governo que visa apenas a sua reprodução tem como uma das suas máquinas mais eficazes a liquidação sistemática do pensamento que vimos operar nas universidades – saturadas pelo mercado – onde a rotina, a redução da dinâmica reflexiva e o embotamento da crítica produzem um dispêndio considerável de energia para que nada aconteça. Ao questionar o regime de negócios universitários – que destitui o *studium* em proveito de uma indústria de artigos alimentada por discursos medidos a metro – propunhas a retomada da escrita de ensaios como experiência do pensamento e forma de vida. Nesse tempo sombrio em que o projeto de redenção capitalista transformou as sociedades em *corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação*,⁴ essa aposta notável delimitou um oásis num deserto no qual a maioria dos “acadêmicos” já se sente bastante cômoda.

Lembro do dia em que tu me deste uma cópia da tradução que fizeste do texto que Hannah Arendt apresentou, em 1955, na conclusão do Curso sobre a História da Ciência Política. Quando perdemos a capacidade de pensar – escreve Hannah Arendt – começamos a achar que tem algo equivocado em nós se não pudermos viver sob as condições do deserto. O perigo desse modo de vida é nos convertermos em verdadeiros habitantes desse espaço ermo e passarmos a nos

⁴ AGAMEBN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009, p. 48

sentir cômodos nele, pois o deserto nem sempre é tranqüilo... Onde tudo parece possível desencadeia-se movimentos totalitários que tem, como principal característica, a possibilidade de se ajustarem muito bem às condições do deserto. *De fato, não contam com mais nada e, por isso, parecem ser a forma política mais adequada à vida no deserto.*⁵

Com sabedoria autêntica, denunciaste a impostura do incessante girar – em vão – da máquina que assumiu o governo providencial do mundo... Diante da força e da normalidade da exceção, alertaste – com Agamben – sobre a urgência de profanar e trazer à luz aquilo que é ingovernável: o início como suprema capacidade do homem e, na verdade, como cada um de nós.⁶

Uma tempestade sopra... nos lançamos no caminho do vento e já não estás mais aqui. A imagem do passado passa por nós de forma fugidia e ameaça a desaparecer; articulá-la historicamente – assinala Benjamin – *significa apoderarmos-nos de uma recordação quando ela surge como um clarão num momento de perigo.*⁷ As palavras ainda resistem à experiência do tempo que resta, mas chegou a hora da despedida... Selvino, muito obrigada por tudo e até sempre.

Jeanine Nicolazzi Philippi

⁵ ARENDT, Hannah. Del desierto y los oasis. In: **La nacion** – suplemento de cultura – 19/11/2006. www.lanacion.com.ar. Apresentação e tradução portuguesa da versão espanhola: Selvino José Assmann.

⁶ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 531/498.

⁷BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIDA-POTÊNCIA – HOMENAGEM A SELVINO ASSMANN

“Do que não se pode falar, deve-se calar.”
L. Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, § 7.

Quando o Professor Sandro Bazzanella me convidou para escrever um texto em homenagem a Selvino Assmann, então recentemente falecido, fiquei a meio caminho da lisonja com o convite e o receio de não estar à altura, de não fazer justiça ao convite e a Selvino. E quando enfim aceitei o convite estava ainda dividido entre a lisonja e o receio, só que agravado por minhas tristezas pessoais.⁸

Uma das principais razões para meu receio em aceitar o convite se deve a que, de fato, conheci pouco Selvino. Desde que o conheci, numa de minhas idas para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, a convite de uma professora daquela universidade e grande colega no tipo e nas temáticas de minhas pesquisas há alguns anos atrás, devo ter encontrado Selvino bem menos de dez vezes. Portanto, verdade seja dita, não convivi com Selvino. Não fui seu aluno, não pesquisei com ele, não publiquei com ele. No máximo e em geral, encontramos pelos corredores de uma ou outra universidade, almoçamos ou jantamos juntos, em decorrência de encontros diversos, com interesses comuns a despeito, muitas vezes, de sua aparente diferença. Ah, mas que encontros! Mesmo que em algumas dessas ocasiões, nossas conversas tenham se limitado a alguns minutos, pelos corredores nos intervalos entre palestras ou comunicações. Que vivacidade, que prazer, que alegria. Lembro, inclusive, que a última vez que *não* o encontrei, mas que bem poderia ter encontrado (no sentido de uma potência irrealizada, ou melhor talvez, inatualizada), foi justamente numa mesa, juntamente com o Professor Santiago Pich, durante o *I Seminário sobre Estado, Crise Política, Econômica e Perspectivas de Desenvolvimento*, dedicado, em maior ou menor medida ao pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, quando Sandro me informou naquela ocasião que, por motivos de saúde, Selvino não pudera comparecer. Para mim ao menos, a despeito de sua ausência física, sua alegria, e sua incrível

⁸Tomo a liberdade de, ainda que numa nota, surrupiar um pouco deste texto que escrevo para dedicá-lo, não apenas a Selvino, mas também a Claudio, meu irmão, cujo falecimento me fora noticiado no dia em que aceitei o convite.

capacidade de acolhimento estavam vivamente presentes naquela sala da Universidade do Contestado.

Agora, uma vez mais tomando consciência, teimando em ter que aprender a conviver com sua definitiva ausência, deparo-me insolitamente, contraditoriamente, com a situação da dificuldade de escrever sobre ele, de refletir sobre ele, e da vontade, da urgência premente de falar com, de escrever com ele. É um pouco neste contexto que acabei por lembrar da natureza enigmática, insólita e quase aparentemente contraditória do § 7 do *Tractatus* de Wittgenstein. Há algo quase que imoral da parte do filósofo austríaco quando enuncia o § 7 e com ele encerra o *Tractatus*: se do que não se pode falar deve-se calar, por que falou, e tanto sobre o que não podia? Como falar sobre o que escapa à linguagem? Como falar diante da ausência de uma vida e da morte à espreita? Como e por que falar do inominável? Como pode e como pude aceitar o convite de tecer algumas palavras em homenagem ao Selvino Assmann?

Para mim, a grande incidência de Selvino passa necessariamente, ainda que não necessariamente de modo exclusivo, pela inserção do nome e do pensamento de Giorgio Agamben nas pesquisas filosóficas, e mesmo numa linha de intensa interdisciplinaridade, no Brasil. Sem sombra de dúvida, o pensamento do filósofo italiano significou um (re)direcionamento e um (re)avivamento filosófico para temas candentes da atual contemporaneidade, principalmente em sua situação paradoxal e aporética: uma política que parece neutralizar, senão eliminar, as formas mais puras de política; vidas despotencializadas em seu nível simbólico, mas também em sua condição política, e por isto mesmo vital; uma democracia que desde sua estrutura assume estratégias, perspectivas, e sentido totalitário; uma vida que é politicamente capturada – por isto incluída – em seu modo de exclusão. É um pouco neste sentido que compreendo os textos de Agamben, de quem Selvino fora sem dúvida um de seus mais argutos tradutores para nosso português tupiniquim. É neste sentido que entendo uma passagem de Agamben, logo no começo de *Meios sem fins*:

Se a política parece, hoje, atravessar um eclipse persistente, [...] é porque, na medida em que perdia consciência de seu estatuto ontológico, ela deixou de se confrontar com as transformações que progressivamente esvaziaram de dentro suas categorias e conceitos. Assim, acontece que, nas páginas que seguem, paradigmas genuinamente políticos são procurados em experiências e fenômenos que habitualmente não são considerados

políticos (ou o são de modo unicamente marginal): a vida natural dos homens (a *zoé*, por muito tempo excluída do âmbito propriamente político) restituída, segundo o diagnóstico da biopolítica foucaultiana, ao centro da *polis*; o estado de exceção (suspensão temporária do ordenamento, que revela, ao contrário, constituir a sua estrutura fundamental em todos os sentidos); o campo de concentração (zona de indiferença entre público e privado e, ao mesmo tempo, matriz escondida do espaço político em que vivemos); o refugiado, que, rompendo o nexos entre homem e cidadão, deixa de ser uma figura marginal para se tornar um fator decisivo da crise do Estado-nação moderno; a linguagem, objeto de uma hipertrofia e, juntamente, de uma expropriação que definem a política das sociedades democrático-espetaculares nas quais vivemos; a esfera dos meios puros ou dos gestos (isto é, dos meios que, mesmo que permaneçam como meios, emancipam-se de sua relação com um fim) como esfera especial da política (AGAMBEN, 2015, p. 9s).

Ora, o paradoxo de nossa política atual, seja em níveis macro ou micro, em termos de política internacional, ou política no sentido jurídico usual, ou ainda da política de nossas vidas cotidianas, que parecem culminar em direção a seu eclipse, é que cada vez mais a política se ocupa de sua despotencialização diante da vida humana e de tudo que de algum modo pode-se considerar para sua caracterização e de seu lugar ontológico. É o paradoxo de uma política que se ocupa de modo contínuo com a vida por meio de sua exclusão e de sua injúriação. Uma política que despotencializa a vida humana e que por isso despotencializa a si mesma. E uma das formas em que isso se dá não é apenas pela matabilidade de uma vida politicamente consagrada à exclusão, mas por uma morte simbólica, por uma morte do símbolo, da linguagem numa vida que não mais pode falar em nome próprio. É um pouco o que Agamben também explorou em *O que resta de Auschwitz* (2003), quando considera a trágica história de Hurbinek, o menino-mulçumano, cujos sons balbuciados por sua boca eram completamente ininteligíveis e refratários a todo entendimento dentre as línguas concentradas em Auschwitz, e que apenas podemos conhecer pelos relatos testemunhados por Primo Levi, em *A trégua*. Mas como Agamben observa, trata-se de um testemunho que não se realiza, que não se pode realizar, por dois motivos fulcrais: (a) o testemunho é impossível, pois o menino Hurbinek é desprovido da palavra, seus balbucios são uma não-linguagem, ainda que ele testemunhe com as palavras de Levi; (b) o testemunho é impossível à medida que é impossível a um sobrevivente dos campos de concentração relatar, testemunhar as experiências vividas paradoxalmente numa ausência vital dentro dos campos, posto que são experiências inomináveis, para as quais não há palavras

capazes de expressar e testemunhar a experiência dos campos, *loci* onde já não há como discernir o humano do não-humano (AGAMBEN, 2003, p. 39-42; cf. também TACCETTA, 2011, p. 279). Levi é o testemunho por excelência porque não pode realmente falar de si, mas apenas como terceira pessoa, como espectador, da mesma forma que Hurbinek não pôde falar porque, nascido em Auschwitz, morre em liberdade, mas não redimido.

Mas neste ponto, e para concluir esta breve homenagem, permito-me divergir um pouco de Agamben. Apesar da impossibilidade do testemunho, principalmente por decorrência de uma vida e morte sem redenção, e porque o que se experimentou é da ordem do ignominioso e do sublime, ainda assim, em sua impossibilidade, se faz necessário e urgente falar, e dar nome às coisas. É urgente uma ação política que tenha a pretensão, a presunção, de falar e dar nome às coisas, às experiências vividas e sofridas, mesmo que sua impossibilidade sempre se coloque como um limite. É uma impossibilidade que se deve reconhecer, mas que se deve reconhecer como um limite, que não se nega e se esconde para baixo dos tapetes da existência adormecida e narcotizada de nosso cotidiano cada vez mais despolitizado e sombrio. Hurbinek ainda conseguiu receber um nome, ter um nome. Não fora apenas mais um, qualquer um, dentre tantos mulçumanos que habitavam os campos sem aí poderem realmente viver. O dar o nome àquele pequeno menino de três anos, cujos sons são irreconhecíveis e refratários a todo entendimento, o retira de ser qualquer um, de ser apenas uma cifra; é uma personagem evidente e singularmente notável para Levi, para Agamben e para todos que se avizinham da problemática do testemunho.

Agamben sabe da dificuldade e mesmo da impossibilidade do testemunho, mas se esforça em dar espaço e vazão à ele, principalmente dando a conhecer os (poucos) relatos, em primeira pessoa, daqueles (poucos) que sobreviveram à condição mais extrema de vida nos campos de concentração, aqueles mulçumanos que por algum tempo e em Auschwitz, não mais viviam, e mais ainda: que sequer há como discernir se realmente sobreviviam, que flertaram com a morte numa sobrevivência abjeta, tanto aos olhos das guardas nazistas quanto dos demais habitantes concentracionários. Mas ainda há que se falar, urge falar, mesmo que de modo que beire à imoralidade de nossos *status quo*, de nossa boa consciência.

A razão pela qual há de minha parte, mesmo que mediante algum desconforto e insegurança, uma lisonja em homenagear Selvino Assmann – e Claudio, meu irmão – é que meu respeito a eles, por suas vidas, me impele a falar, ao que, ainda que de um modo bastante impreciso e pouco definido, tenho chamado de *dar nome às coisas*. E suas respectivas ausências não devem ser tomadas como o ocaso da possibilidade de dar nome às coisas, mas sim o motivador de sua urgência. Por isso, se usurpo, se surrupio, se furto algumas linhas deste texto em homenagem a Selvino para também lembrar pesaroso e homenagear meu irmão é por que suas mortes, assim como suas vidas já foram e ainda me são como que potenciais, como *dynamis* – agora e já –, para minha escrita e minhas palavras, lançadas ao vento e ao mesmo tempo dirigidas também aos olhos de que as leem.

Por tudo isto, também me lembrei de um romance recentemente lido, *Paraíso e inferno*, do islandês Jón Kalman Stefánsson, principalmente de uma de suas frases, carregadas de lirismo, e que coloca bem a importância da linguagem: “Talvez não precisemos de palavras para sobreviver; por outro lado, precisamos de palavras para viver” (STEFÁNSSON, 2016, p. 57).

Marcos Alexandre Gomes Nalli

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Ce qui reste d'Auschwitz**. Paris: Rivage, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fins**. Notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

STEFÁNSSON, Jón Kalman. **Paraíso e inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TACCETTA, Natali. **Agamben y lo político**. Buenos Aires: Prometeo, 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,